

Alienation and Emancipation in the Work of Karl Marx

GEORGE C. COMNINEL

Nova York: Palgrave Macmillan, 2019. 342p.

*Olavo Antunes de Aguiar Ximenes**

Um dos pontos de interesse do livro de George C. Comninel, professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de York, é o de *tentar* levar em consideração – mesmo que pela via indireta dos trabalhos de T. Carver e D. Blank – os novos resultados das pesquisas sobre a *Ideologia Alemã* (em 2017 foi lançada a versão definitiva deste texto na MEGA-2 I/5) no que tange o materialismo histórico. Neste sentido, é oportuno esclarecer logo de saída o título algo enganador. Precisamente essa questão se reflete, de forma mais profunda, o tipo de trabalho com o qual estamos lidando. Não temos diante de nós nem um livro estritamente teórico nem histórico; antes, a preocupação que perpassa os capítulos é de apresentar as linhas gerais do materialismo histórico; preocupação, cumpre desde já ressaltar, similar àquela do livro *Rethinking the French Revolution* (1987) do mesmo autor.

Retornemos à importância com qual a *Ideologia Alemã* na MEGA-2 I/5 se reveste. Essa importância se torna patente em dois capítulos consecutivos (“5 – Problems of *The German Ideology*” e o “6 – *The German Ideology* versus Historical Materialism”) dedicados aos problemas editoriais desta obra e ao afastamento do materialismo histórico da mesma. Mas, enquanto uma mão apresenta os inúmeros

* Doutorando em Filosofia no Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unicamp. E-mail: oaaximenes@gmail.com

problemas de edição, a outra reintroduz e salva todas as edições pregressas (citadas ao longo do livro de Comninel). O início da ciência, nos ensina Marx, é sempre difícil. Se Comninel não leva até o fim as consequências da nova MEGA-2, nem por isso seu trabalho teórico e suas ideias sobre a *Ideologia Alemã* são menos pertinentes.

O título serve para demarcar um terreno teórico, uma vez que Comninel não se demora nem em *definir* nem em *rastrear* as noções existentes de *alienação* e de *emancipação* nas obras de Karl Marx. O que está em jogo é partir do pressuposto de que a problemática fundante do pensamento de Marx – e consequentemente do materialismo histórico – é a da alienação (tarefa dos capítulos iniciais da obra). Curiosamente, Comninel não faz referência a István Mészáros, marxista húngaro que trabalhou o tema sistematicamente; mas, ao menos, comenta o trabalho da escola althusseriana – e a busca pela emancipação humana, entendida como fim da história (Comninel, 2019, p.117). Essas seriam as margens de seu trabalho e da produção teórica de Marx. Combater a alienação no horizonte da emancipação, dos escritos de 1844 até os livros d’*O capital*. De falta de fôlego em relação aos textos e ao período histórico percorrido o livro não pode ser acusado; o trabalho é detalhado. Dito isso, o autor passa ao que, nesta resenha, nos interessa. Se no livro de 1987 (*Rethinking...*), o problema era salvar o materialismo histórico dos usos e abusos dos marxistas e, ato contínuo, defendê-lo da corrente histórica revisionista da Revolução Francesa, agora o problema é outro. O que sobra do materialismo histórico diante da nova edição crítica da *Ideologia Alemã*? A forma como Comninel a compreende, ao fim e ao cabo, é parecida tanto em 1987 quanto 2019. Porém, o diabo mora nos detalhes.

Em *Rethinking the French Revolution*, o materialismo da *Ideologia Alemã* aparece como *alguém* do próprio trabalho de Marx porque imbuído de materialismo liberal; agora no livro de 2019, a *Ideologia Alemã*, além de definitivamente imbuída de materialismo liberal, é, antes de tudo, um retrocesso frente às descobertas feitas nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844). Não temos mais, por causa da MEGA-2 I/5, um livro *Ideologia Alemã* para chamarmos de inaugural do materialismo histórico, pois o materialismo histórico não está nem nunca esteve lá. Evidentemente, rigoroso como ele é, condenar o materialismo da *Ideologia Alemã* significa condenar por procuração o materialismo do *Manifesto Comunista* (1848) – algo que ele faz no capítulo 7, dedicado ao *Manifesto*. Trata-se de uma posição teórica difícil: negar a teoria da *Ideologia Alemã* e do *Manifesto*, mas não os retirar do percurso intelectual de Marx. A chave desta posição ambígua é uma só tanto em 1987 quanto 2019: defender que seja possível livrar os elementos propriamente marxistas dos elementos liberais. Essa chave, por sua vez, tem nome: R. Meek no livro *Social science and the ignoble savage* (1976). Autor amplamente citado no livro de 1987 e, em menor intensidade, no livro de 2019.

Esse estranho materialismo histórico sem *Ideologia Alemã* encontra explicação, em alguma medida, na filiação teórica de Comninel ao *marxismo político*

(reivindicado pelo autor em sua *introdução*). Para os teóricos desta vertente, a base do materialismo histórico está na crítica da economia política, cuja origem seria os *Manuscritos econômico-filosóficos*, tema dos capítulos iniciais da obra (capítulo 2 a 4). Em outras palavras, o materialismo histórico é irmão gêmeo da crítica da economia política, desde que datemos esta crítica em 1844. Com isso, Comninel recua o início do materialismo histórico em ano, ao mesmo tempo que concede aos manuscritos de 1844 o papel fundante de abordagem teórica propriamente marxista. O ponto central do materialismo, nesta leitura, seria o conflito de classe na história e não o conceito de *modo de produção*.

Com isso, temos quase todos os elementos de um materialismo histórico que contorne a *Ideologia Alemã* e o *Manifesto*. Do ponto de vista formal, desde 2004 e, em particular, com a MEGA-2 I/5 de 2017, não é mais possível afirmar que existiu um livro “*Ideologia Alemã*”. Do ponto de vista do material teórico mobilizado, Marx e Engels procuram combater os ideólogos alemães mostrando que até mesmo as concepções liberais seriam mais avançadas (os elementos do materialismo liberal). Adicionalmente, a forma de exposição polêmica e o pouco tempo de maturação das ideias seriam os outros culpados do retrocesso na *Ideologia Alemã*. Por fim, do ponto de vista teórico, a ausência de um conceito de alienação, e, assim, da propriedade privada mediada pela alienação, concomitantemente com o eixo central que o conceito de “divisão do trabalho” opera nesta obra, são os últimos pregos da condenação.

Na linha contínua que vai de 1844 até a morte de Marx e Engels, os equívocos que aparecem na *Ideologia Alemã* (para nomear alguns outros: o caráter natural-biológico do relato liberal e materialista dos modos de subsistência, a confusão de divisão técnica e social do trabalho), não são retomados posteriormente pelos autores, de acordo Comninel (2019, p.144). Por outro lado, nem tudo também pode ser aproveitado do materialismo histórico posterior a 1857. Comninel (2019, p.187, *passim*) defende nos capítulos finais 9 a 11, dedicados ao materialismo histórico posterior, que Marx, antes de tudo estudou, analisou e pesquisou uma sociedade específica: a sociedade *capitalista*. Junto com E. Wood, R. Brenner e E. Hobsbawm, para ele não importa muito que Marx tenha errado ao analisar as sociedades pré-capitalistas. O *método* do materialismo histórico ainda se mantém intacto. Esse é o mistério, supõe-se, do menor ou maior esforço dos autores citados em escrever livros teóricos sobre o materialismo histórico, já que o próprio Marx não o fez. Comninel chega a censurá-lo expressamente por não ter empreendido uma *crítica da historiografia burguesa* nos moldes da *crítica da economia política*.

Em suma, apesar de problemas pontuais (como, por exemplo, o capítulo 12 dedicado à Primeira Internacional, cujo tema e desenvolvimento são estranhos ao argumento geral do livro), ambos livros de Comninel merecem uma leitura atenta de marxistas brasileiros. Um dos méritos do livro atual, além de nos presentear com uma tese de fôlego do percurso intelectual de Marx, é popularizar as novas informações acerca da *Ideologia Alemã*. Por esse aspecto só, a leitura já seria recomendada.